

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
BREVE ANÁLISE NOS LIVROS DA COLEÇÃO
PORTUGUÊS LINGUAGENS**

Lucas Recalde (UEMS)

lucasrecalde@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

RESUMO

A aversão que o brasileiro tem pela leitura remonta desde o período colonial e, ainda hoje, faz-se presente, refletindo diretamente no aprendizado dentro de sala de aula. Os discentes que têm por hábito ler, desenvolvem um rendimento muito maior do que aqueles que leem somente por obrigação. É nesse cenário que surge a questão do incentivo da leitura através das histórias em quadrinhos: mesmo *tablets*, celulares ou mesmo computadores competindo pela atenção dos alunos, elas ainda conseguem exercer certo fascínio e admiração em pessoas de diversas idades, tornando, assim, seu uso não só plausível como bem-vindo dentro do ambiente escolar. Partindo deste princípio — o das histórias em quadrinhos como instrumento de fomentação da leitura —, o trabalho possui como objetivo refletir brevemente sobre as histórias em quadrinhos nos livros didáticos da coleção *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da editora Saraiva. Os referenciais teóricos utilizados foram Rama & Vergueiro (2005), Vergueiro & Ramos (2009), Lotufo & Smarra (2012), Figueiredo & Marins (2014).

Palavras-chave: História em quadrinhos. Livro didático. Educação.

1. Introdução

Não é de hoje a inimizade que grande parte da população brasileira tem com a leitura, refletindo diretamente no aprendizado dentro de sala de aula, já que os discentes que têm por hábito ler desenvolvem um rendimento muito maior do que aqueles que leem somente por obrigação. É pertinente dizer que tal reflexo é perceptível também no dia a dia, já que a leitura é justamente uma das melhores formas de propagação da cidadania. Em outras palavras, fomentá-la não só é importante dentro do ambiente escolar como também na formação de consciência crítica tal como expansão de visão de mundo.

Nesse cenário surge uma ferramenta até então desprezada e menosprezada pelos docentes: as histórias em quadrinhos.

Num passado não tão distante, as histórias em quadrinhos, além de serem vistas simplesmente como leitura de prazer, eram também hostilizadas. Vergueiro & Ramos (2009, p. 9) afirmam:

Houve um tempo, não tão distante assim, em que levar revistas em quadrinhos para sala de aula era motivo de repreensão por parte dos professores. Tais publicações eram interpretadas como leitura de lazer e, por isso, superficiais e com conteúdo aquém do esperado para a realidade do aluno. Dois dos argumentos muito usados é que geravam “preguiça mental” nos estudantes e afastavam os alunos da chamada “boa leitura”.

Porém, esse panorama foi mudando com o passar do tempo e hoje encontrá-las nos livros didáticos — principalmente em forma de tiras — não é mais incomum ou mesmo difícil. Além da disciplina de língua portuguesa, elas também dão suporte em história, geografia ou mesmo em matemática, servindo como uma forma a mais de prender a atenção dos alunos assim como constroem pontes para a realização de debates ou mesmo para reflexões dentro de sala de aula.

O presente artigo, por tanto, possui como objetivo, além de realizar uma breve análise das histórias em quadrinhos encontradas nos livros da coleção *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da editora Saraiva, discorrer a respeito, de forma sucinta, sobre o histórico e os gêneros das histórias em quadrinhos e de seu uso como instrumento de fomento à leitura nesses livros.

2. As histórias em quadrinhos

2.1. Breve histórico

A origem das histórias em quadrinhos remonta desde os primórdios da humanidade, quando o homem pré-histórico ainda utilizava-se de desenhos pitorescos pintados nas paredes das cavernas para representar seu dia a dia expondo suas caçadas ou até mesmo para gabar-se de suas façanhas.

O homem primitivo [...] transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos: o relato de uma caçada bem-sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma região específica, a indicação de seu paradeiro etc. (RAMA & VERGUEIRO, 2005, p. 8).

Mesmo depois, com o surgimento da escrita, elas não perderam sua importância, muito pelo contrário: imagem e texto uniram-se para dar ainda mais ênfase às ideias e às histórias, tornando-se presença garanti-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

das em jornais, revistas e mesmo em livros didáticos, transformando-se em produto de massa.

As histórias em quadrinhos como produto de massa tiveram sua origem nos jornais dominicais nos Estados Unidos da América e “[...] eram predominantemente cômicos, com desenhos satíricos e personagens caricaturais” (VERGUEIRO, 2009, p. 10 *apud* LEITE, 2013, p. 836). Desde então a popularidade delas vem crescendo, passando por fases, ou eras, de maior ou menor notoriedade.

2.2. As eras das histórias em quadrinhos

As eras das histórias em quadrinhos se dividem em: Era de Ouro, Era de Prata, Era de Bronze e Era Moderna.

Cada era é marcada por algum acontecimento, a Era de Ouro, que começou em 1930, é nomeada dessa forma pois consolidou o formato de revistas as histórias de aventura. Outro fato importante relacionado a esse período é a queda da bolsa de Wall Street, em 1929. Heróis com características ideológicas surgem como uma forma de representar a nação dos EUA como uma nação forte, menciona-se como exemplo *Superman* e o *Capitão América*.

A Era de Prata, que começa em meados da década de 50, tem como característica o resgate de alguns heróis da era de outro, tal como *The Flash*, como também as histórias passaram a introduzir elementos da ficção científica, como o exemplo do herói Homem-Aranha, que consegue seus poderes depois de ser picado por uma aranha radioativa.

A partir de 1970 surge a Era de Bronze, nessa era os elementos que foram acrescentados nas histórias em quadrinhos foram as temáticas “mais pesadas”, como a questão de abuso e de uso de drogas.

Mesmo o formato de histórias de aventura ter se consolidado, as histórias em quadrinhos possuem, também, outros gêneros, percorridos no próximo tópico.

2.3. Os gêneros das histórias em quadrinhos

O termo histórias em quadrinhos seria um hipergênero e que dentro dele existe outros gêneros, cada qual com sua particularidade (RA-

MOS, 2009, p. 20). Mencionam-se alguns desses gêneros como exemplo: tirinha, cartum, *graphic novel*, charge, entre outros.

As tirinhas, assim como a charge e o cartum, trabalham com o humor e são constituídas por uma pequena sequência de quadros, que podem ser seriadas¹², há utilização dos recursos não verbais, tais como os balões para fala e pensamento e as onomatopeias. (*Idem*).

Mesmo tendo, cada gênero, um público e uma função específica, as histórias em quadrinhos não ficaram livres, no geral, de receberem uma visão estereotipada, tratada no tópico a seguir.

2.4. Visões estereotipadas sobre as histórias em quadrinhos

Os *gibis*, como também são conhecidas as histórias em quadrinhos no Brasil, nem sempre foram bem-vistos. Conforme dito logo na introdução deste trabalho, levar uma história em quadrinhos para a sala de aula resultava em advertência pelos professores, sendo que estes — entre outros — as tinham somente como leitura de prazer e, por tanto, superficiais, além de argumentarem que elas poderiam causar “preguiça mental” nos discentes além de afastá-los da “boa leitura”. (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 9)

Mesmo nos Estados Unidos da América, onde elas surgiram como forma de cultura de massa, as histórias em quadrinhos sofreram sérias censuras e críticas, sendo pais e docentes advertidos para não exporem seus filhos e seus alunos a elas.

[...] as revistas em quadrinhos, já no seu período histórico, eram vistas como inimigas da educação, destruidoras da cultura e nocivas à formação pedagógica de crianças e adolescentes, verdadeiras vilãs da leitura e alfabetização, pois provocavam, segundo um dossiê organizado em 1944, por profissionais do Instituto Nacional de Estudo Pedagógico (Inep), “preguiça mental na criança, afastando-a do contato com os livros”. (LOTUFO & SMARRA, 2012, p. 112 *apud* RECALDE & GOMES, 2013, p. 153)

A situação ficou ainda pior quando em 1954 Fredric Wertham, psiquiatra alemão radicado nos EUA, publica seu livro *Seduction of the the Innocent*. Nesta obra o autor tentava provar que a exposição às histórias em quadrinhos poderia levar as crianças a tornarem-se homossexuais ou mesmo fazerem com que se jogassem pela janela, tudo graças ao

¹² Como o caso de Mafalda, do cartunista argentino Quino e Calvin e Haroldo, do desenhista norte-americano Bill Watterson.

Batman — personagem criado por Robert Kahn sob o pseudônimo de Bob Kane e que aparece pela primeira vez em 1939 na revista *Detective Comics* número 27 — que tinha como parceiro Robin e representavam o sonho de um casal homoafetivo de viverem juntos e do *Superman* — personagem criado por Jerry Siegel e Joe Shuster e que surge pela primeira vez em 18 de abril de 1938 na revista *Action Comics* número 1 — que possui como uma das suas habilidades o voo.

Além do aumento da desconfiança de pais e professores a respeito dos *gibis*, outro resultado que o livro alcançou foi o surgimento do *Código de Ética das Histórias em Quadrinhos*, no Brasil, assemelhando-se ao que já existia no país de origem da publicação.

É claro, também, que foi por causa disso que elas, as histórias em quadrinhos demoraram a serem utilizadas como instrumentos de fomentação à leitura assim como para aparecerem nos livros didáticos. Contudo, tais preconceitos e desconfianças foram, aos poucos, sendo revistos e, por consequência diminuindo, fazendo com que, hoje em dia, elas estejam presentes nos livros didáticos como ferramentas de fomento à leitura.

2.5. Os quadrinhos e os livros didáticos

Mesmo em voltou a *tablets*, *smarthphones* ou por televisores e computadores de última geração, tanto crianças e adolescentes ou mesmo adultos rendem-se as histórias em quadrinhos.

Os jovens, principalmente, identificam-se com os ícones da cultura de massa, sendo, portanto, as histórias em quadrinhos uma forma, além do incentivo à leitura, um modo de fomentar o interesse dos alunos. (LEITE, 2013, p. 837)

Podemos asseverar ainda mais esse fascínio principalmente dentro de sala de aula conforme Calazan (2008, p. 22 *apud* RECALDE & GOMES, 2013, p. 154):

Segundo Serpa e Alencar, em pioneiro artigo sobre história em quadrinhos em sala de aula na revista *Nova Escola*, ano XII, n. 111, abril de 1998, p. 11, em uma pesquisa realizada sobre hábitos de leitura de alunos, 100% (cem por cento, todos os alunos) afirmaram que o mais gostavam de ler eram os quadrinhos, pesquisa que vem confirmar o que todo professor conhece na prática da sala de aula: a sedução e o prazer espontâneo da leitura de história em quadrinhos pelos alunos.

Mas não é somente por conta desses fatores que docentes têm os *gibis* como ferramenta: além do já citado fascínio que contribui para fomentar o interesse e também despertar o apreço pela leitura nos discentes, os quadrinhos são um gênero multimodal, unindo diversos elementos e, por consequência, abrindo um leque de opções a serem trabalhadas.

Nos livros didáticos, sejam eles das mais diversas disciplinas, aparecem geralmente em forma de tiras e colocadas como um suporte a mais seja para explicar algum conteúdo ou mesmo dentro de atividades. Deste modo espera-se que a curiosidade natural que os discentes possuem em relação a elas contribuía para que a sua atenção seja inteiramente voltada ao livro — tal como ocorre na coleção *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

3. Breve reflexão das histórias em quadrinhos presentes na coleção *Português Linguagens*

Como um todo, a coleção *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, possui 171 tiras, separadas da seguinte forma: no primeiro volume há 50 tiras e charges de diversos temas e autores; no volume 2 há 66 tiras e no terceiro, e último, volume existem 55 tiras.

A primeira tirinha do primeiro volume, e também da coleção, é da personagem Mafalda, do autor Quino. Ela surge no capítulo 3 sob o tópico “Construindo o conceito” e vem acompanhada da seguinte descrição: “Você conhece Mafalda? Ela é personagem de Quino, cartunista argentino e quadrinista argentino. Leia esta tira com a personagem” (CEREJA; MAGALHÃES, 2010, p. 35). Em seguida há três questões referentes a ela e que contextualizam o tema “linguagem, comunicação e interação”.

Logo mais à frente, na página 37, no tópico “Exercícios”, existe outra tirinha utilizada para as questões 1, 2 e 3, referindo-se ainda ao mesmo tema.

A última tirinha a surgir no primeiro volume aparece na página 326 no tópico “Prepare-se para o ENEM e o Vestibular” e trata-se de uma questão do vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

No volume 2 a primeira tirinha aparece no capítulo 2, na página 21 no quadro “Morfossintaxe: forma e função” e é utilizada como auxílio para a explicação de conceito — onde os autores realizam a análise sintá-

tica da primeira frase do primeiro quadrinho. A próxima tirinha surge logo em seguida, na página 22 como suporte para a questão 1. Finalmente, a última tirinha a surgir no volume encontra-se na página 424 no tópico “Em dia com o ENEM e o Vestibular” em uma pergunta do vestibular da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Por fim, no terceiro e último volume da série, a primeira tirinha aparece no “capítulo 3: Período composto por subordinação: as orações substantivas”, na página 35 sob o tópico “Construindo o conceito”. É um cartum que os autores utilizam para contextualizar o assunto. A próxima tirinha aparece no tópico “Exercícios” e serve como base para duas questões — sobre oração subordinada substantiva.

O último quadrinho do volume — e também da coleção — encontra-se na página 406 na seção “Prepare-se para o ENEM e o Vestibular” e aparece em uma questão do vestibular da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Tal como os outros textos — ou mesmo imagens — presentes nas três obras, os quadrinhos são utilizados como ferramentas, ou seja, uma forma a mais para explicar e fixar conteúdos, seja na forma de explicação ou de exercícios — desta forma, portanto, nem os supervalorizando nem muito menos os desvalorizando. Portanto, é plausível dizer que as tirar e as histórias em quadrinhos têm relevância, no geral, dentro da coleção, e, mesmo não recebendo tratamento especial, é inegável o destaque que adém delas.

4. Conclusão

Ao longo do tempo as histórias em quadrinhos se modificaram de acordo com a sociedade, demonstrando que as histórias em quadrinhos são um produto cultural. Entre todos em embates feitos sobre a sua utilização em sala de aula, as histórias em quadrinhos ainda sobrevivem e conseguem, mesmo que aos poucos, um espaço dentro da sala de aula.

O estudo visou apresentar um panorama das histórias em quadrinhos e de como, brevemente, é a sua utilização nos livros da coleção *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, 7ª edição, da editora Saraiva, voltada para os três anos do ensino médio.

Como já expostos em outros trabalhos nossos, a reflexão de que se faz sobre as histórias em quadrinhos em sala de aula é que cabe ao professor saber escolher quais utilizarem e como trabalha-las: se como um simples texto, em que apenas partes deles são retiradas para exemplificar ou contextualizar determinados conteúdos, ou de forma mais profunda, analisando junto aos discentes o contexto e outros significados presentes neles.

Há, ainda, a questão de fomento à leitura, já que, como exposto no decorrer deste artigo, mesmo em meio a tantas tecnologias que competem diariamente com os docentes dentro de sala de aula pela atenção dos estudantes, as histórias em quadrinhos tornam-se grandes aliadas, visto o fascínio que elas exercem neles — uma prova disto é a expansão das adaptações de *gibis* estadunidenses para o cinema ou mesmo as várias tiragens e edições do clássico dos quadrinhos brasileiros *Turma da Mônica*, do desenhista Maurício de Souza.

Portanto, aquém da visão estereotipada que as histórias em quadrinhos tinham do passado de que poderiam influenciar as crianças a atos ilícitos ou mesmo colocá-las em perigo ao sugerirem que também elas poderiam sair voando caso pusessem uma capa vermelha nas costas, no caso das revistinhas do *Superman*, hoje em dia estão presentes no só no dia a dia escolar como também nos livros didáticos, tornando-se, como já tantas vezes frisado, aliadas dos professores, fazendo com que os próprios alunos, atizados pela curiosidade, busquem, por si, não somente se aprofundarem mais na matéria, como na leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens 1: literatura, produção de texto, gramática*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. *Português linguagens 2: literatura, produção de texto, gramática*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. *Português linguagens 3: literatura, produção de texto, gramática*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza; MARINS, Luciene Gomes Freitas. As tiras e as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa como instrumentos didáticos no ambiente escolar: uma reflexão. In: GOMES, Na-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

taniel dos Santos; ABRÃO, Daniel (Orgs.) *Grandes poderes trazem grandes responsabilidades*: refletindo sobre o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula. Curitiba: Appris, 2014, p. 119-131.

LEITE, Eduardo dos Santos. *Livros didáticos de história e história em quadrinhos*: perspectivas históricas. *Revista Latino-Americana de História*, vol. 2, n. 6, 2013. Disponível em:

<<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/238/191>>.

Acesso em: 23/05/2015.

OMELETEVE. *Superman 75 anos*. [Vídeo]. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Yqb2SaIb20M>>. Acesso em 23-05-

2015.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Richardson. *A verdadeira origem do Batman*. Disponível em:

<<http://www.quadrinho.com/2012/2012/07/a-verdadeira-origem-de-batman>>. Acesso em: 23-05-2015.

RECALDE, Lucas; CAPITULINO, Catarina Santos; GOMES, Nataniel dos Santos. *Breve análise da adaptação da obra de Machado de Assis Helena*. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/Breve%20an%C3%A1lise%20da%20adapta%C3%A7%C3%A3o%20-%20LUCAS.pdf>.

Acesso em: 23-05-2015.

_____; _____. A questão da leitura do Brasil: o uso de quadrinhos como mecanismo de estímulo nos livros didáticos. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 19, n. 57sup, set./dez. 2013. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/revista/57supl/15.pdf>>. Acesso em: 23-05-

2015.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs.) *Quadrinhos na educação*: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.